

## **Apresentação ao Dossiê: *Hinchadas en América Latina***

### **Bernardo Buarque de Hollanda**

O presente dossiê é fruto de um painel ocorrido em outubro de 2013, na cidade de Santiago do Chile, durante a realização do vigésimo nono encontro da Associação Latino Americana de Sociologia. O XXIX Congresso da ALAS teve por tema geral “Crise e emergências sociais na América Latina” e, dentro dessa temática, o painel proposto e aqui reapresentado intitulou-se: “Torcidas Organizadas na América Latina: violência, sociabilidade juvenil e estrutura social”.

Alguns fatores motivaram-nos para a sua organização. Primeiramente, para além das imagens das partidas sul-americanas transmitidas pela televisão, e de campeonatos como a Copa Libertadores da América – cujo nome, aliás, sintomaticamente na atualidade carrega o nome de um patrocinador, uma multinacional de origem japonesa, do ramo industrial da fabricação de pneus – é forçoso admitir que conhecemos ainda muito pouco sobre a realidade e as especificidades das torcidas em cada país da América do Sul, bem como da América Latina.

O painel foi assim uma oportunidade para reunir pesquisadores que investigam o assunto e compartilham da mesma agenda de pesquisa. Se essa é uma constatação geral – o desconhecimento mútuo do que se passa em cada país – isso vale também para diversos outros domínios – e ressalte-se a importância de encontros como os realizados pela ALAS, em âmbito científico, no estreitamento de tais laços.

É válido ressaltar que o grupo teve sua primeira configuração no ano de 2009, quando, no México, por ocasião do ICA (Congresso Internacional de Americanistas) os professores Roger Magazine e Silvio Aragón organizaram um grupo temático sobre Rivalidades Futebolísticas na América Latina, de que resultou também um dossiê na presente revista (número 17, março de 2011).

Em 2012, no ano retrasado, foi a vez de uma nova reunião, durante o encontro da LASA, a Associação de Estudos Latino Americanos, em São Francisco, nos Estados Unidos, ocasião em que Roger Magazine propôs uma mesa sobre “Copas do Mundo e identidades nacionais”.

Surgiu na sequência a oportunidade na ALAS de um painel para debater os casos nacionais de alguns países latino-americanos, com vistas a identificar semelhanças e diferenças na problemática relacionada às torcidas organizadas no continente. A

proposta foi pensar o tema à luz dos pressupostos históricos, antropológicos e sociológicos que subjazem ao estudo das torcidas.

Como é sabido, a Academia, em particular no domínio das Ciências Sociais, coloca-se diante do assunto com a precaução de que é um tema já pautado e enviesado pelo olhar da mídia, com notícias que tematizam sobretudo os incidentes de vandalismo e, mais recentemente, de crimes associados às rixas entre os grupos.

Por um lado, o meio acadêmico reage, negando ou procurando relativizar o sensacionalismo dos meios de comunicação. Por outro lado, esses mesmos meios procuram os especialistas acadêmicos quando casos traumáticos e dramáticos como mortes por espancamento ou uso de armas de fogo acontecem, transbordando os bastidores esportivos e adentrando o terreno das páginas policiais.

Basta citar o exemplo de uma competição continental a que nos referimos acima, a Taça Bridgestone Libertadores. Se nos anos anteriores, atendo-nos a casos relacionados às torcidas brasileiras, já haviam sido registrados pela imprensa problemas com os torcedores ligados a clubes brasileiros em cidades como Buenos Aires, na Argentina, e em Assunção, no Paraguai, em 2013 um acontecimento fatal marcou o campeonato organizado pela Conmebol (acrônimo para a Confederação Sul-Americana de Futebol).

Logo no início da primeira fase do torneio, o Corinthians foi jogar a partida de estreia em Oruro, na Bolívia. Aos cinco minutos de jogo, ato-contínuo à comemoração de um gol da equipe brasileira, um grupo de torcedores corinthianos disparou um sinalizador pirotécnico, que mais tarde se descobriu ser de procedência da Marinha de Guerra brasileira. Ao invés de subir aos ares, o projétil errante dirigiu-se às arquibancadas dos torcedores oponentes e acabou por atingir, em cheio, a vista de um adolescente boliviano de catorze anos de idade. Kevin Espada morreu pouco depois, ainda a caminho do hospital.

Na caça aos agressores, em meio à revolta generalizada dos torcedores presentes ao estádio, policiais bolivianos detiveram doze torcedores brasileiros, todos integrantes de torcidas organizadas do Corinthians. Estes suspeitos acabariam por ficar em prisão preventiva por mais de cem dias. Presos, eles desencadearam um conflito jurídico-diplomático internacional, que se estenderia dramaticamente e que seria acompanhado de perto pelos meios de comunicação do Brasil e da Bolívia, por meses a fio.

Sabe-se, por esse e por outros incidentes, que se está em face de um desafio duplo:

A. Reconhecer sua gravidade e qualificar o debate, sem cair em certas armadilhas e maniqueísmos colocados pela agenda da grande imprensa;

B. Saber da importância da participação acadêmica em um debate que envolva jornalistas esportivos, torcedores (organizados ou não), policiais (civis e militares), dirigentes de clube e autoridades de Estado, com o intuito mais amplo de desenvolver políticas públicas conjuntas capazes de arbitrar conflitos e de propor alternativas, para além da costumeira atitude penal-repressiva;

Em face disso, para situar o leitor desse dossiê do nosso propósito inicial, eis a caracterização geral da proposta, tal como apresentada então no painel da ALAS, no segundo semestre de 2013:

O futebol é uma prática esportiva característica do século XX. Desde o seu surgimento, este esporte transnacional tem engendrado uma série de representações sociais, além de diversos processos de simbolização coletiva. Fruto de um movimento em escala planetária, característico da expansão imperial da virada do século XIX, o futebol afirma-se no século XXI por seu caráter mediático e empresarial-financeiro, não apenas espelho, mas também vetor das transformações capitalistas por que passa a sociedade atual. A Mesa Redonda aqui proposta procura analisar de que maneira um tipo específico de associação juvenil, orientado em torno da idolatria clubística do futebol profissional, ganhou vulto em escala nacional e internacional nas décadas de 1960, 1970 e 1980, e assumiu particularidades histórico-culturais no futebol latino-americano. Busca-se evidenciar, através de estudos de caso nacionais – Argentina, Costa Rica e México –, como esse fenômeno da segunda metade do século XX atendeu a novas demandas de participação e de diferenciação por parte de contingentes juvenis e urbanos em um domínio cada vez mais competitivo, massificado e mercantilizado. A música, de um lado, e a violência, de outro, foram os meios expressivos mais notáveis a que esses torcedores recorreram para tomar parte e para adquirir visibilidade no universo do espetáculo esportivo contemporâneo. Ao analisar a ação, a formação e a transformação de um campo específico de subgrupos torcedores, reconstituindo experiências particulares, a Mesa Redonda busca encetar um diálogo entre estudiosos do tema na América Latina. Com o recurso imprescindível da comparação, visa-se fornecer elementos capazes de identificar semelhanças e diferenças comportamentais junto a torcedores de futebol, ligados por uma rede de torneios internacionais, tendo por eixo a problemática estrutural da violência e da sociabilidade juvenil nas sociedades latino-americanas.

Como vem dito no Resumo acima, o objetivo à época foi reunir, com base em estudos de caso nacionais, abordagens sociológicas comparativas sobre tal fenômeno na América Latina.

Convidamos, para tanto, cinco especialistas com formação em Antropologia Social e em Sociologia: o argentino Sílvio Aragon, da Universidade Nacional de Mar Del Plata (UNMDP); o costarricense Onésimo Rodríguez Aguilar, da Universidade da Costa Rica; o estadunidense Roger Magazine, da Universidade Ibero Americana, do México; o colombiano Alejandro Villanueva Bustos, da Universidade Pedagógica

Nacional da Colômbia; e, por fim, o equatoriano Jacques Ramirez Gallegos, do Instituto de Altos Estudos Nacionais (IAEN-Ecuador).

Os dois últimos pesquisadores mencionados, Alejandro Bustos e Jacques Gallegos, chegaram a enviar seus *papers*, mas não puderam comparecer nem apresentar suas “ponencias”, em função de contratempos profissionais. No caso de Alejandro, o impedimento se deveu à morte de três torcedores colombianos em fins de setembro daquele ano, tendo o professor de atender a um pedido de emergência do Ministério do Interior do seu país.

De todo modo, a mesa redonda transcorreu a contento, em quase duas horas de apresentação dos expositores, de intervenção do debatedor responsável e de abertura para perguntas da plateia presente ao painel.

Na sequência à sua realização, encaminhamos a proposta aos cinco convidados de ampliarmos o debate a um número maior de pessoas, com a organização do dossiê que ora se apresenta. Nos últimos seis meses, os autores se incumbiram de rever suas comunicações orais e seus textos enviados, com vistas à edição do presente número.

O núcleo original do dossiê foi ampliado também com a extensão do convite a outros pesquisadores que pudessem nos trazer casos de outros países latino-americanos, a fim de que tivéssemos uma representação maior de estudos sobre *hinchadas*, *barras*, *porras* e torcidas organizadas em escala continental.

Para o caso brasileiro, foi convidado o cientista social e advogado Marcelo Faria Guilhon, que apresentara seu *paper* “Violência, Estatuto do Torcedor e Direitos Fundamentais: o Estado contra o povo” no mesmo congresso da ALAS, na capital chilena, dentro do Grupo de Trabalho “Sociologia do Esporte, Ócio e Tempo Livre”. O pesquisador estivera presente no dia do painel e sua pesquisa mostrou convergência com o diálogo almejado no mesmo.

Fizemos também um convite ao chileno Miguel Cornejo, professor-doutor da Faculdade de Educação da Universidade de Concepción, que enviou um artigo sobre a situação das barras futebolísticas no Chile. Vale registrar que, assim como o prof. Marcelo Guilhon, Cornejo não só participou como organizou o citado GT 23 de Sociologia do Esporte durante o Congresso da ALAS.

Finalmente, embora não tenha participado nem do painel nem do GT, a expertise do pesquisador peruano Aldo Panfichi motivou-nos a convidá-lo para colaborar no presente volume com uma apresentação das torcidas ligadas a clubes importantes do Peru.

Responsável por colaborar em coletâneas internacionais sobre o assunto, a exemplo do livro *Fighting fans: football hooliganism as a world phenomenon*, organizado em 2002 pelos sociólogos ingleses Eric Dunning, Patrick Murphy e Ivan Waddington, o trabalho de Panfichi contribuiu assim para amplificar a representatividade e o mapeamento que buscamos inicialmente com o painel e, em seguida, com o dossiê.

Uma vez circunstanciado o presente número especial da Revista “Esporte & Sociedade”, passo a caracterizar, de maneira bem geral, alguns elementos importantes que sobressaem do conjunto de oito textos aqui oferecidos à leitura. Em complemento ao “octeto”, temos aqui também um espaço destinado à resenha de uma coletânea. Esta, por sua vez, traz um panorama abrangente do estado da arte dos estudos sobre as “barras” na Argentina.

A obra foi resenhada por Fernando Segura Trejo, sociólogo mexicano, doutor em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS-Paris). Trejo dedicou-se a analisar a obra *Violencia en el fútbol: investigaciones sociales y fracasos políticos* (2013), coordenada por Jose Garriga Zucal (Universidad Nacional de San Martín/ UNSAM), um dos pesquisadores mais gabaritados na compreensão do fenômeno argentino, de grande complexidade e com significativas ressonâncias – através dos cânticos e dos estilos de torcer – sobre as demais torcidas no continente.

De volta ao corpus principal do dossiê, a leitura prévia dos trabalhos permite-nos observar algumas constantes nos textos e nas pesquisas, que apontam não apenas para questões conjunturais como para a pertinência estrutural de se pensar as torcidas organizadas na América Latina.

Numa visada panorâmica, destaco, primeiro, que os autores têm formação diversa, dentre historiadores, sociólogos, advogados, educadores, mas pode-se dizer que predomina um olhar histórico-antropológico na condução do trabalho, alguns deles oriundos do mestrado, outros do doutorado, fruto de pesquisas de campo sobre o tema.

Determinados especialistas até já concluíram essa etapa da pós-graduação, são professores estabelecidos, mas continuam a refletir sobre suas pesquisas, com o acompanhamento e a atualização do que vem ocorrendo nos últimos anos, desde que encerraram o trabalho e que defenderam suas teses e/ou dissertações.

Apesar da “pegada” antropológica, a maioria dos textos não deixa de ter uma mirada sociológica importante, ou seja, não deixam de considerar, além das relações interpessoais na microescala, as transformações macroestruturais da sociedade, as

mudanças no âmbito legislativo e a inscrição dos subgrupos em movimentos sociais maiores que, em seu tempo e espaço, os encompassam.

Os autores salientam mutações, algumas delas radicais, nesse entretempo – de fim da pesquisa original e atual conjuntura. Tais modificações dizem respeito à estrutura, à organização e à explicitação do nível de tensão no tocante a tais agrupamentos. Mas o ponto em comum mais marcante nos trabalhos, e que chama a atenção tanto mais porque, ao convidar os autores para escrever, essa recorrência não estava prevista nem anunciada, é o seguinte: muitos autores convergem, ao apontar para a problemática central de suas abordagens, ao fenômeno da competição e das rivalidades internas entre facções ou subgrupos ligados ao mesmo clube.

Trocando em miúdos, o elemento que mais aparece visível em determinadas etnografias é a rivalidade intra-clube, não a rivalidade inter-clube. Esta, à primeira vista, parece a mais evidente aos olhos do senso comum. Assim resultam as disputas simbólicas e materiais pelo controle das arquibancadas sob a forma pessoalizada das lideranças, sob a forma grupal das dissidências que dão origem a novos grupos ou mesmo sob a rivalidade que termina em enfrentamentos físicos diretos.

Para um estudioso brasileiro, que acompanha o assunto em seu país, esse dado convergente é bastante importante e sintomático, uma vez que o mesmo se passa no Brasil – fissões internas, inimizades frontais e brigas entre torcedores de um mesmo clube –, há pelo menos uma década, embora já existisse, latente e em menor escala, em tempos anteriores.

Mais do que o caráter policial e policialesco do tópico “violência”, salienta-se a importância da dimensão radicalmente política, ou micropolítica, do associativismo torcedor e dos usos da sua paixão clubística, bem pouco destacada usualmente: da mesma forma que certos movimentos sociais, tais como sindicatos, grêmios estudantis, associações de bairro, partidos políticos, é a dinâmica de coesão e conflito, de unidade e fragmentação, que perpassa a trajetória dessas agremiações, num tensionamento constante.

Resta considerar o acirramento dessas disputas intestinas, que passam despercebidas a olho nu e que derivam de um conjunto de fatores, dentre os quais destacaríamos três:

1. O crescimento e o alargamento territorial das torcidas, conforme bem demonstrou Roger Magazine no caso mexicano, e a relação com a problemática urbana

mais ampla, em que se justapõem o pertencimento geográfico local e o pertencimento clubístico nacional;

2. O aumento da visibilidade e do status das mesmas entidades associativas, ainda que sob a forma negativa das notícias relacionadas a brigas e confrontos, o que gera a demanda por prestígio pessoal e pelo usufruto dos benefícios dos que as lideram;

3. Os rendimentos econômicos que a gerência de um grupo pode prover às lideranças torcedoras, uma vez que estas, com variações aqui e ali, acompanham a lógica mercantil-financeira e o etos capitalista tão marcante do futebol atual.

Embora indicado e assinalado nos diferentes artigos, o real dado econômico do que uma torcida hoje movimentada em termos financeiros paira ainda como um certo mistério, na maioria dos casos. Há ainda pouco nível de formalização e de acesso a esses gastos e receitas mais concretos para quem está fora de seu universo e não vivencia minimamente seu dia a dia.

Sabemos que parte da economia gerada pelas torcidas advém, em alguns casos, pelo menos no Brasil até poucos anos atrás, da revenda de ingressos e da organização das caravanas de viagens. Em ambas as situações, isto coloca a questão do tipo de relacionamento do líder da torcida com o dirigente do clube, ambiente o mais das vezes sombrio e quase sempre alvo de acusações por parte de determinados jornalistas esportivos.

Embora não seja possível avançarmos na maneira pela qual se organiza economicamente uma torcida organizada contemporânea, como sucede nos textos ora enfiados, podemos perceber não obstante que cada vez mais essas associações se tornam uma marca, uma grife estilizada e uma entidade com fins de concorrência comercial, vis-à-vis o próprio clube. Com suas bandeiras e com seus bandeirões, com suas faixas e seus gritos de guerra, nucleados em um espaço segmentado das arquibancadas, trata-se de oferecer um produto que ao mesmo tempo vende mensagens e que se projeta através das imagens televisivas.

Essas, por sua vez, estão associadas a uma moral de virilidade e masculinidade, que se mostra atraente a jovens do sexo masculino, seduzidos pela vivência coletiva da emoção da briga, pelo risco dos encontros com os oponentes ou, ao menos, pela retórica que aciona esse imaginário adrenalizante dentro e fora dos estádios.

Por fim, um último aspecto observável, que é recorrente nos artigos subsequentes, diz respeito à leitura e à ressignificação do imaginário do poder político – seus regimes e sistemas – no âmbito esportivo. Por estranho que pareça, ele também se coloca à

administração das associações de torcedores: em termos vulgarmente weberianos, as tensões se passam na medida em que um tipo de dominação tradicional e/ou carismática procura converter-se em dominação racional-legal.

Vale dizer que tais poderes avultam com bastante intensidade à luz dos dilemas organizativos e representativos de tais agrupamentos. Grosso modo, o que está em jogo: ditadura ou democracia? Eleições ou liderança por meio do carisma? Centralização política ou descentralização por meio subdesdes representativas, espalhadas pela cidade e pelo país, que por seu turno levam ao risco da fragmentação?

Esses são alguns dos impasses, conforme mostrou de maneira exemplar o artigo de Onésimo Aguilar, ao trazer o vocabulário de poder da Ultra Morada, torcida costarrriquenha. Na descrição de Aguilar, a mesma é figuradamente composta por um rei, por oito cavaleiros da mesa redonda – impossível não associar a imagem à saga do rei Arthur e dos oito cavaleiros da tábua redonda, em plena Idade Média europeia –, pelos chefes das *peñas*, por vassalos do sul e do norte de São José, na capital da Costa Rica.

Feita acima uma caracterização preliminar, convido a seguir os leitores do novo número da *Revista Esporte & Sociedade* a acessar o conteúdo do dossiê. Agradeço aos autores dos artigos abaixo pela colaboração e faço um agradecimento aos colegas editores, particularmente a Leda Costa e ao Martin Curi, que aceitaram a proposta temática contida nesse número especial.